

O ENCANTAMENTO COMO POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO E AS VICISSITUDES DO REAL

Leonardo Carrijo Ferreira⁵

Caio César Souza Camargo Próchno

Maria Lúcia Castilho Romera

RESUMO

O encantamento a partir da contemplação despretensiosa tem uma profundidade de sentido ainda não compreendida em sua totalidade. O significado deste ato, deste encantar, enseja imanências de possibilidades de compreensão do psiquismo, seja ele, individual, social ou cultural. A intenção do artista expressa em sua obra pode ser interpretada em sua singular transversalidade. A realidade, este reino de representações, comporta uma infinidade de campos diversos, campos a serem pesquisados. A aquisição da inteligibilidade deste momento consiste no encontro entre o artista, o real representado e seu contemplador, momento tão sublime quanto efêmero. O que se propõe é a interpretação do impacto que a obra de arte surte sobre o espectador, cujo entendimento se debruça sobre este impacto; através da ruptura de campo, a interpretação psicanalítica faz surgir os sentidos psíquicos. Se a psique é o que produz sentido nas coisas humanas, a proposta reside em criar sentidos a partir desta vivência contemplativa, como uma possibilidade de experiência; pois, o que esboça um campo impregnado de possíveis significados é este encontro do pesquisador com o artista, na experiência singular da contemplação, campo de múltiplos devires e da interpretação do estranho.

Palavras-chave: Método psicanalítico. Teoria dos campos. Arte. Psique.

ABSTRACT

Enchantment, in terms of unpretentious contemplation, has depth of meaning that has not yet been understood in its totality. The significance of this act, from its beginning, makes possible an innate comprehension of aspects of the psyche, whether individual,

⁵ Endereço eletrônico de contato: p.i.i.h@hotmail.com

social or cultural. The intention of an artist to express his/her work may be interpreted as a singular expression. In reality, a plethora of representations cover many and diverse areas, which require research. It is possible to acquire a certain understanding of this mysterious moment as the artist contemplates reality, a sublime and ephemeral moment. The present research seeks to propose an interpretation that is contingent on the understanding of the psyche, the object of Psychoanalytic research. A Psychoanalytic interpretation functions by way of ruptures in the area, which facilitate psychic meanings. The psyche produces meaning to human acts. Meanings of the contemplation, the possibility of experience, are the proposal of the research. The encounter between the researcher and the artist who has the singular experience of contemplation present a fertile area for the discovery of meaning. Areas of multiple devires present the possibility of the appearance of the strange and the generation of dialog.

Keywords: Psychoanalytic method. Area theory. Art. Psyche.

1 INTRODUÇÃO

Do grego μέθοδος (méthodos), a palavra método pode ser entendida etimologicamente como caminho para se chegar a um fim. O método científico é um conjunto de regras básicas para desenvolver uma experiência a fim de produzir novos conhecimentos, bem como corrigir e integrar conhecimentos pré-existentes. É importante, quando se fala de método, a referência à teoria do conhecimento. Na filosofia antiga, encontramos reflexões epistemológicas que, presentes em Platão e Aristóteles, nos auxiliam na investigação metodológica de seus textos metafísicos e psicológicos.

No âmbito da filosofia da natureza antiga, Platão e Aristóteles desenvolvem sua epistemologia em estreito contato com a perspectiva realista. Dando continuidade ao pensamento jônico e eleático, eles estão preocupados em conciliar a questão do ser que, desde Parmênides e Heráclito, era objeto da metafísica vigente. Esta abordagem epistemológica é puramente objetiva, ou seja, parte da investigação do cosmo para o sujeito cognoscente.

Quando Platão, em seu sistema, efetua a distinção entre mundo inteligível e mundo sensível, está preocupado em aliar o uno de Parmênides e o devir heraclitiano. Deste modo, o mundo sensível, corruptível, corresponde ao perpétuo fluxo de Heráclito, ao passo que a concepção estática do ser em Parmênides diz respeito ao mundo ideal, perfeito, fixo e imutável, em si mesmo; em Aristóteles, o procedimento é semelhante, ainda que inverso, pois este parte dos dados dos sentidos para a contemplação das formas puras. Ambos estão,

assim, às voltas com uma concepção que relativiza a noção de subjetividade, ou a função que esta ocupa na produção do conhecimento. Para Aristóteles o desejo de saber é natural, e existem vários graus de conhecimento – sensação, memória, arte, experiência, ciência. A verdadeira ciência é a que resulta do conhecimento teórico, especulativo, não-prático, cujo objeto é o saber das causas; a ciência deste saber constitui a sabedoria ou filosofia:

Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disto é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais que todas as outras, as visuais. Com efeito, não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a visão aos demais sentidos. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferenças descobrirmos. ⁽¹⁾

Se em Sócrates o procedimento usado é a maiêutica, método tipicamente refutativo, em Platão a dialética vai servir de escopo à sua ontologia, ou teoria das ideias. “Dialético é aquele que apreende a essência de cada coisa. E aquele que não a possui quanto menos for capaz de prestar contas dela a si mesmo ou aos outros, tanto menos terá o entendimento dessa coisa”.⁽²⁾

A dialética platônica se compõe da captação, baseada na intuição intelectual, do mundo ideal, da sua estrutura e do lugar que cada ideia ocupa em relação às outras ideias, nessa disposição; Aristóteles, por sua vez, desenvolve a lógica analítica como instrumento de investigação em estrita observância com a ciência do ser, que deixa de ser cosmológica para ser tornar antropológica (política), em todos os seus aspectos.

Nosso tratado se propõe encontrar um método de investigação graças ao qual possamos raciocinar, partindo de opiniões geralmente aceitas, sobre qualquer problema que nos seja proposto, e sejamos também capazes, quando replicamos a um argumento, de evitar dizer alguma coisa que nos cause embaraços. Em primeiro lugar, pois, devemos explicar o que é o raciocínio e quais são as suas variedades, a fim de entender o raciocínio dialético: pois tal é o objetivo de nossa pesquisa no tratado que temos diante de nós.⁽¹⁾

Assim, independentemente da diferença metodológica adotada, os autores se inserem na tradição da filosofia da natureza, em que a categoria sujeito ocupa a função de posição, numa forma de disposição ancilar em relação ao objeto do conhecimento. A natureza interior,

ou psicológica, é apenas o espelho de uma natureza exterior considerada em sua plena objetividade.

No contexto medieval, uma sutil diferenciação é observada; os filósofos da idade média cristã, professando a aliança entre *fides et ratio* (fé e razão), vão enfatizar o homem como imagem e semelhança de Deus, deitando por terra a concepção da antiga filosofia da natureza. Uma reviravolta epistemológica já começa a se desenhar, com o ser humano ocupando destaque na ordem da criação, uma vez que espelha, sem ser, a perfeição de Deus; graça a esta nova condição de similitude com o criador de todas as coisas, ele é excelente sobre todas as criaturas. No dizer de Santo Agostinho: “Não se discutem inutilmente estas questões. Assim, para responder àquele que interroga, devemos dirigir a mente, depois de percebermos os sinais, às coisas que estes significam”.⁽³⁾

Assim, uma mudança de perspectiva vai se operando no seio de uma filosofia que se transforma gradualmente, à medida que novos paradigmas do conhecimento surgem em oposição aos anteriores. Os medievais são os responsáveis pelo advento de uma psicologia que, aprofundada por Descartes e os modernos, fomenta a adoção de novos modelos cognitivos – mas estes, apesar do avanço observado, ainda não conseguem romper os padrões da antiguidade.

A teoria do conhecimento, como disciplina autônoma, aparece pela primeira vez na Idade Moderna, com John Locke. A sua obra fundamental, *Ensaio sobre o entendimento humano*, engloba as questões da origem, essência e certeza do conhecimento humano. Em sua obra *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, Leibniz rejeita o ponto de vista de Locke. A partir de Leibniz, George Berkeley em *Tratado dos princípios do conhecimento humano* e David Hume, *Tratado da natureza humana e Investigação sobre o entendimento humano*, edificam novas construções sobre o conhecimento. Na *Crítica da razão pura* (1781), Kant profere a fundamentação crítica do conhecimento científico da natureza. O método, que ele chama de transcendental, mais que investigar a origem psicológica do conhecimento, busca a sua validade lógica.

Só em Descartes – à diferença dos autores empíricos modernos que desembocam, como Hume, no ceticismo – é possível a efetivação de uma transição que abandona definitivamente a tradição e o realismo aristotélico-tomista. Descartes é o fundador do racionalismo que, a exemplo das grandes descobertas técnicas e científicas de seu tempo, posiciona o sujeito do conhecimento no centro das preocupações humanas. Sua episteme parte da dúvida metódica hiperbólica, ou seja, da certeza de que o sujeito, que de tudo duvida, de uma coisa só não pode duvidar: da própria dúvida. Este é um axioma necessário para a

filosofia se fundar na autonomia do sujeito e questionar a autoridade da tradição, que, contaminada pelos dogmas de fé da igreja, estava à margem do processo de secularização. No Discurso sobre o método, após colocar tudo em dúvida, Descartes relata:

Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade, penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalá-la, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.⁽⁴⁾

Na estética, de Hegel, uma unidade imediata entre homem e natureza é observada, desde os antigos; por sua vez, uma distinção, pressupondo mediações, é gradualmente instaurada, à proporção que o homem se distancia dos processos naturais mediante sua ação sobre os mesmos. Assim, a natureza atua sobre os homens e estes sobre ela, o que garante, segundo Hegel, uma via de mão dupla para o conhecimento: o terreno para a superação da antinomia, entre realismo e idealismo subjetivo, está semeado:

Para darmos da ideia uma definição mais rigorosa, diremos que, enquanto existente em si e para si, a ideia é também a verdade em si, é o que participa do espírito de um modo geral, o que é o espiritual universal, o espírito absoluto. O espírito absoluto é o espírito enquanto universal e não particular e finito.⁽⁵⁾

Dada a unilateralidade das posições realista e idealista, Hegel aponta a mútua determinação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, uma vez que, desde a revolução copernicana de Descartes e Kant, os mesmos se encontravam cindidos à guisa de uma reconciliação.

2 A CRISE DO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE

A crise de paradigmas no século XIX é o reflexo de uma insuficiência: o homem é considerado apenas em seu aspecto histórico-social, e filósofos como Marx, mesmo em sua crítica ao hegelianismo, não deixam de refleti-la.⁽⁵⁾ Na filosofia de Schopenhauer e Nietzsche,

entre outros, uma diferente abordagem aparece; Schopenhauer, por exemplo, alerta para o primado da vontade, enquanto coisa em si mesma, como anterior a todos os procedimentos humanos; neste aspecto, há uma vontade cega e irracional por trás de tudo, aí incluída a própria vontade de conhecimento. Ao recusar o pessimismo religioso de Schopenhauer, repleto de elementos hinduístas e budistas, Nietzsche busca resgatar o homem, em vias de dissolução, mediante a afirmação do super-homem.

Nietzsche e Freud, na mesma seara filosófica, desenvolvem suas teorias de maneira diferente, embora conservando certa semelhança de abordagem àquela de Schopenhauer. Se Nietzsche enfatiza a vontade de potência, Freud considera, numa forma de crítica à civilização, o avanço técnico e científico como insuficiente na suplantação da superstição religiosa, ainda que em sua condição de futuro de uma ilusão. Para Nietzsche:

Como *poderia* algo nascer de seu oposto? Por exemplo, a verdade, do erro? Ou a vontade de verdade, da vontade de engano? Ou a ação não-egoísta, do egoísmo? Ou a pura, solar contemplação do sábio, da concupiscência? Tal gênese é impossível: quem sonha com ela é um parvo, e mesmo pior que isso: as coisas de supremo valor têm de ter uma outra origem, uma origem *própria* – desse mundo perecível, aliciante, enganoso, mesquinho, desse emaranhado de ilusão e apetite é impossível deduzi-las! Pelo contrário, é no seio de ser, no imperecível, no Deus escondido, na “coisa em si” – é *ali* que tem de estar seu fundamento, ou em nenhuma outra parte! ⁽⁷⁾

A noção de inconsciente freudiano escapa ao racionalismo de Descartes e Kant, pois as ações das quais não tem consciência o sujeito, anteriores à sua cognição, advertem, por um lado, sobre os processos psíquicos individuais na forma de sua pulsão latente, e, por outro, acerca da racionalidade que se desenvolve extrinsecamente para além deles, como controle social dos mesmos. Diferentemente de Nietzsche, Freud não exalta a vontade de potência e a contrasta ao mundo da cultura, como oposição imprescindível à formação individual; em obras como *O mal-estar na civilização*, o pensador austríaco tece considerações pessimistas sobre o curso civilizatório, sem apostar na supra-individualidade nietzschiana como solução para o impasse entre as pulsões humanas e sua cultura repressora. A noção de crise da subjetividade que o contexto contemporâneo pressupõe perpassa a obra de Freud – sua técnica psicanalítica tenta remodelar a personalidade do analisando e realizá-la, independentemente dos prejuízos que o choque com a ambiência cultural, em sua formação básica, acarreta:

“*Psyche*” é uma palavra grega e se concebe, na tradução alemã, como alma. Tratamento psíquico significa, portanto, tratamento anímico. Assim, poder-se-ia pensar que o significado subjacente é: tratamento dos fenômenos patológicos da vida anímica. Mas não é este o sentido dessas palavras. “Tratamento psíquico” quer dizer, antes, tratamento que parte da alma, tratamento — seja de perturbações anímicas ou físicas — por meios que atuam, em primeiro lugar e de maneira direta, sobre o que é anímico no ser humano.⁽⁸⁾

Freud responsabiliza, sobretudo, a cultura repressiva de seu tempo pela má-formação dos indivíduos; só através da relação de transferência, ou seja, com a intervenção do analista, eles têm a oportunidade de retrabalhar sentimentos traumáticos oriundos da infância e, com isso, reingressar em uma suposta vida normal. Mais que a subjetividade, o que está em jogo, aqui, é a relação que o indivíduo mantém com a família e a sociedade, uma vez que o psicanalista austríaco compreende a formação e a realização pessoais como dependentes de tais esferas sociais: a intersubjetividade é a meta almejada, já que o homem não é responsável por si mesmo ou, tampouco, é senhor em sua própria casa.

3 O MÉTODO PSICANALÍTICO E A POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA

A grande crítica da civilização efetuada por Freud é também crítica do método de conhecimento, do modo como se consolida, historicamente, na tradição. A transvaloração dos valores pretendida por Nietzsche não é outra coisa que uma inversão metodológica na qual o ato de conhecer passa a depender dos sujeitos, na medida em que são capazes, ou não, de introjetar e potencializar a vontade exterior a eles mesmos; em Freud, só o conhecimento traz o poder, pois a análise os auxilia, da mesma forma, a se conscientizarem de conteúdos inconscientes que, por ignorância, em si próprios reprimiram. A psicanálise pode ser entendida a partir de três sentidos diferentes: o tratamento psicológico, ou seja, a terapia clínica, a teoria psicanalítica, em que a produção de conhecimento é constantemente engendrada, e o método interpretativo, que é a forma de conhecimento. O objeto de estudo da psicanálise é a psique, que não é material e não está em nenhum lugar concreto, gerando sentido, contudo, na produção humana. Ao contrário da teoria tradicional, cartesiana ou kantiana, a psicologia contemporânea, a partir de Freud, se resume a um feixe de processos

psíquicos que lentamente se individualizam e constituem a complexidade que podemos chamar de homem, o qual – inversamente ao que apregoava o obsoleto racionalismo – não depende só de si mesmo em sua formação.

Como conhecimento humano, a psicologia freudiana pode ser caracterizada como epistemologia; se sua proposta, ao se debruçar sobre o analisando, é curá-lo de eventuais neuroses, a análise pode ser estendida aos processos racionalizantes que também vitimam o corpo social. A fábrica neurótica que é a moderna sociedade industrial, como cultura repressiva, constitui um importante objeto de estudos em Freud. Se o sentido do método psicanalítico é o restabelecimento da saúde do paciente, o efeito desta doença não pode deixar de se relacionar às suas causas sociais, como evidencia o autor na obra *O mal-estar na civilização*. O interesse pela cultura, por sua vez, produz em Freud o fascínio pelas obras de arte e, quem sabe, os apontamentos de uma teoria estética. O Moisés de Michelangelo, de sua autoria, afirma:

Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deva o seu efeito. Onde não consigo fazer isso, como, por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta.⁽⁸⁾

Sigmund Freud destaca uma reflexão acerca do encantamento, do que prende e nos coloca sob um estado de contemplação diante da obra de arte. Ao confidenciar o seu interesse pelas obras de arte, ele mostra, em uma construção singela de pensamento, sua intenção acerca do arrebatamento provocado por elas. Este momento de contemplação, onde o espectador, arrebatado, se deixa encantar pela obra de arte, tem um interesse especial para Freud. Os pequenos detalhes são aqueles que podem conter, dentre todos os elementos, um maior significado:

Mas, geralmente, diante de uma grande obra de arte, cada um diz algo diferente do outro e nenhum diz nada que resolva o problema para o admirador despretenso. A meu ver, o que nos prende tão poderosamente só pode ser a *intenção* do artista, até onde ele conseguiu expressá-la em sua obra e fazer-nos compreendê-la.⁽⁸⁾

Em outra passagem, Freud expõe aspectos da criação e do próprio criador na interpretação da obra de arte, o que de outra forma seria de difícil acesso, sem o auxílio do método psicanalítico:

Consideremos a obra-prima de Shakespeare, *Hamlet*, peça hoje com mais de três séculos. Tenho acompanhado de perto a literatura psicanalítica e aceito sua pretensão de que somente depois de ter tido o material da tragédia sua origem remontada pela psicanálise ao tema edipiano é que o mistério de seu efeito foi por fim explicado (...). Mas antes que isso fosse feito, que volume de esforços interpretativos diferentes e contraditórios, que variedade de opiniões sobre o caráter do herói e as intenções do dramaturgo! Pede Shakespeare a nossa simpatia para um homem doente, um alfenim fracassado ou um idealista que simplesmente é bom demais para o mundo real? E como muitas dessas interpretações nos deixam frios! – tão frios que em nada contribuem para explicar o efeito da peça, nos levando a pensar antes que o seu apelo mágico está apenas nos pensamentos impressionantes que expressa e no esplendor de sua linguagem. E, no entanto, esses próprios esforços não revelam a necessidade que sentimos de descobrir nela alguma fonte de poder além desses?⁽⁸⁾

Ainda de acordo com Freud:

Isto me levou a reconhecer o fato – um paradoxo evidente – de que precisamente algumas das maiores e mais poderosas criações da arte constituem enigmas ainda não resolvidos pela nossa compreensão. Sentimo-nos cheios de admiração reverente por elas e as admiramos, mas somos incapazes de dizer o que representa para nós. Não tenho leitura suficiente do assunto para saber se esse fato já foi constatado; possivelmente, na verdade, alguém que escreva sobre estética já descobriu se esse estado de perplexidade intelectual é condição necessária para que uma obra de arte atinja seus maiores efeitos. Tenho a maior relutância em acreditar na necessidade dessa condição.⁽⁸⁾

Este encantamento, causado no espectador, é o objeto de interesse deste estudo; para tanto, ele se apóia na pesquisa psicanalítica, que, como observado, analisa tal fenômeno não apenas para revelar a psique do artista (caso de Leonardo da Vinci), como no intuito de desvelar nuances enriquecedoras do ponto de vista estético. O inconsciente do artista é vislumbrado, quando sua técnica, sublimada, se trai nos detalhes. Sua intenção, velada, é desmascarada como desejo latente, a exemplo da Mona Lisa. Mas, o método interpretativo

da psicanálise não se resume a arrancar as máscaras da tradição (não só artística), a fim de expor a real vontade de quem concebeu a obra, artista ou pensador; Freud, na verdade, enriquece o diálogo com o passado ao relegar-lhe não só uma, mas múltiplas interpretações.

Como representação da realidade humana, a arte é o palco onde tem lugar a diversidade do mundo natural e social, o rico entroncamento que não escapa a argutos observadores como Freud; a grandeza psíquica do homem vem desse embate entre a natureza, que se manifesta tanto interior quanto exteriormente, e o curso da civilização, como seu domínio incontrolável. Todo interesse e toda motivação humana são oriundos do desejo. Portanto, todo motivo de produção e todo produto originado pelo homem é fruto de um querer que, a duras penas, se individualiza. As representações artísticas são as vias de acesso a tais desejos, que, inconscientes, só se mostram transversalmente:

Uma dessas formas de investigação é a Psicanálise: para ela, o real envolve uma dimensão psíquica, uma psique extensa. Quando ela aparece através de um sujeito – seja este uma pessoa, uma instituição ou uma obra –, é que lhe chamamos desejo. (...). Real e desejo não se dão a conhecer diretamente. Só suas representações, a realidade e a identidade, é que se mostram.⁽⁹⁾

Freud escreveu muito sobre a cultura. Em sua obra *Totem e tabu*, ele manifesta um vivo interesse pela estátua Moisés, de Michelangelo (Figura 1):

O próprio produto, no final das contas, tem de admitir uma tal análise, se é que realmente constitui uma expressão efetiva das intenções e das atividades emocionais do artista. Para descobrir sua intenção, contudo, tenho primeiro de descobrir o significado e o conteúdo do que se acha representado em sua obra; devo, em outras palavras, ser capaz de interpretá-la.⁽¹⁰⁾



Figura 1: Moisés, de autoria de Michelangelo, estátua de mármore, está situada na Igreja de San Pietro in Vincoli, em Roma.

Constitui apenas um fragmento da tumba gigantesca que o artista deveria ter erigido para o Papa Júlio II. Segundo Henry Thode ela foi feita entre os anos de 1512 e 1516.

É interessante observar que Freud ressalta a importância dos pequenos, ínfimos detalhes, como fonte de magnificência de significados. Pormenores que quase não chamam a atenção, minúcias despercebidas, particularidades que propiciam infinitas interpretações (Figuras 2 e 3). O método psicanalítico propicia, a partir da contemplação, a possibilidade de diálogo entre o espectador e o artista. Segundo Fábio Herrmann⁽⁹⁾: “o processo de decifração de sentidos fora da rotina e as interpretações nele baseadas, que ajudam o paciente a romper o limite dos assuntos que pensava poder tratar em separado, chama-se interpretação psicanalítica”.



Figura 2: Moisés de Michelangelo – Detalhes da postura.

À análise pormenorizada da estátua Moisés, de Michelangelo, e principalmente dos aspectos menosprezados e inobservados por outros críticos, Freud remonta coisas encobertas, ocultas, e vai tecendo, com maestria, o novo saber sobre a personalidade de Michelangelo. É neste ensejo que temos, a partir do encantamento – na inter-relação –, a possibilidade de construção, pela interpretação psicanalítica, do que seria algo mais próximo de uma verdade. Doravante, em meio a tantas forças sobrepujantes, num instante, a interpretação se faz e, com ela, a experiência. Num único momento, na intrincada imanência do real, o diálogo se efetiva como inopinado instante.



Figura 3: Moisés de Michelangelo – Detalhes da cabeça e do rosto.

A Queda de Ícaro (Figura 4), de Brühel, é outro exemplo que chama a atenção. Segundo a mitologia grega, Dédalo fabrica asas para si e seu filho, feitas com penas, cordas e cera; aconselha ao filho, entretanto, para que não se aproxime demasiado do sol, nem do mar. Exuberante, Ícaro esquece as recomendações do pai, a cera é derretida e ele se precipita nas ondas do mar; dele só restam duas pernas a sair da água e algumas penas. Se nos concentrarmos nos personagens, depressa lembraremos que eles ocupam uma pequena parte do espaço pictórico. Estão rodeados pela baía, os bosques, as montanhas, o porto longínquo e o sol que se esconde no horizonte.



Figura 4: "Queda de Ícaro", Pieter Brühel, séc. XVI.

Mas, o mais gritante nesta pintura é o afogamento de Ícaro, fato que passa paradoxalmente despercebido, quase desprezado, diante do esplendor e magnitude da natureza retratada, como podemos perceber na figura 5, no detalhe das penas, as quais se soltaram das asas devido à sua queda.



Figura 5: "Queda de Ícaro", Pieter Brùghel – Detalhe do afogamento de Ícaro.

O encanto artístico propicia, tal e qual na thaumázein filosófica, o desenredar da experiência que leva ao conhecimento, conhecimento não apenas de cunho científico, mas como adventício das múltiplas significações que assumem o fenômeno estético: este possibilita o surgimento do estranho, e sua concomitante familiarização, mediante o engendramento de diálogos, pois o instante do fascínio clama uma ruptura em que há a irrupção do novo. O método psicanalítico, assim, visa não apenas dissecar a personalidade do artista e os obscuros desejos que a compõem, mas propiciar uma discussão entre o artista, sua obra e o espectador, que, na condição de agente, e não apenas de mero observador, está agora municiado com o instrumental psicanalítico.

REFERÊNCIAS

1. Aristóteles, *Os pensadores – Metafísica – livro I*. (1973). São Paulo: Ed. Abril.
2. Platão. (2003). *República, 534 b*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
3. Santo Agostinho. (1973). *Os pensadores – De Magistro*. São Paulo: Ed. Abril.
4. Descartes, R. (1973). *Os pensadores – Discurso do método*. São Paulo: Ed. Abril.
5. Hegel, G.W.F. (1974). *Os pensadores – Estética – A ideia e o ideal*. São Paulo: Ed. Abril.
6. Marx, K. (1974). *Os pensadores – Teses contra Feuerbach*. São Paulo: Ed. Abril.
7. Nietzsche, F. (1974). *Os pensadores – Para além de bem e mal*. São Paulo: Ed. Abril.
8. Freud, S. (1989). *Obras Completas – Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e Outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
9. Herrmann, F. (1999). *O que é psicanálise, para iniciantes ou não*. São Paulo: Ed. Psique.
10. Freud, S. (1989). *Obras Completas – Totem e Tabu e outros trabalhos – O Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.